

Uma dúvida

A comemoração duma data significativa para a vitória de qualquer ideia faz sempre supor a descontinuidade do espírito revolucionário de que ele é simplesmente produto.

O historiador, por necessidade prática de limitar o seu trabalho, corrobora tal suposição marcando datas, caracterizando períodos, determinando influência, etc., etc.

Falsa é, no entanto, toda a visão que confunde o método de trabalho com a própria realidade que estuda. A Revolução não é *um momento* da vida social de qualquer povo, como o esquematismo historicista no-lo quer fazer supor. A Revolução é a vida social tendente para uma finalidade de ordem superior. Essa tendência, esse caminhar progressivo, é, em todos os momentos, incessante e contínuo. Se há, no formalismo social de qualquer época, uma putação brusca ou uma oposição violenta a determinadas formas de vida social, isso é simplesmente resultante do ajustamento necessário da nova organica social com a nova étape conquistada pelo espírito revolucionário. Mas não é isso a Revolução, como se tende a julgar. A Revolução é um esforço vital que pressupõe, como toda a vida, um *antes* com o qual é íntima e profundamente solidária e implica um *depois* que necessite visar a todo o momento, na esperança heroica e inglória de o atingir.

Se as revoluções são manifestações sucessivas de justiça na humanidade, como quer Proudhon, é lícito também concluir com ele que não ha revoluções, mas uma só e perpetua Revolução agita os homens num esforço de conquista de si próprios para melhortar servir os outros. Tomou na historia diversos aspectos esse esforço revolucionario: foi primeiro, com o Cristianismo, igualdade de todos diante de Deus; foi, no seculo XVI, igualdade de todos diante da Razão; foi depois, no seculo XVIII e com a Revolução francesa, igualdade de todos diante da lei; a revolução de 1848 pretendia a igualdade de todos diante do capital. O signo em que vivemos mantém a mesma pretensão, e, como qualquer uma das outras, nada terá de definitivo a sua conquista. Cada vitória conseguida, cada marco igualitario conquistado, revelará dos homens que ainda não á isso o que eles procuram e que o caminho talvez seja outro. Não invalidamos esse esforço pela igualdade que nada tem que ver com o que certos criticos atacam.

Igualdade de todos *diante de* qualquer coisa não quer dizer igualdade desses todos entre si, mas só isto: igualdade dessa coisa para todos.

Mas a conquista da igualdade, feita no desejo de ser servido e sem a intenção espiritual de servir é apenas satisfação comoda e grosseira dum egoismo repugnante. A finaliaade da vida social não pode ter como ideal o emburguesamento dos que ainda se não sentem burgueses ou a conservação do ambiente burguez daqueles que se sentem bem sendo burgueses...

* * *

Qual a finalidade do movimento de 5 de Outubro? Qual a intenção social que animou o esforço de conquista da nova igualdade? Que métodos foram propostos para a valorisação da personalidade humana defendendo-o do tipo de civilização burgueza da hora que passa?

Mas... terá havido uma Revolução em 5 de Outubro de 1910?

Delfim Santos.